

Consciência x Comodidade

Ao longo da sua existência a Humanidade desenvolveu e acumulou conhecimentos e costumes de como viver em grupos sociais para defesa dos seus interesses como moradia, alimentação e segurança e evoluiu muito na tecnologia aplicada em todos os campos do seu interesse.

Entretanto evoluiu muito pouco como sociedade voltada ao respeito dos interesses e direitos precípuos do Homem, independentemente de sua condição social, racial, cultural ou religiosa e isto nos dá um indicativo de quão penosa e demorada será a jornada da humanidade rumo a uma civilização mais consciente, igualitária, racional, participativa e reivindicativa dos seus direitos.

Vivemos hoje numa sociedade de consumo perdulária, egoísta, excludente e irresponsável que desconhece os princípios elementares de respeito ao meio-ambiente e aos direitos básicos de todos os habitantes do planeta Terra.

E isso não é exclusividade das sociedades terceiro-mundistas, muito antes pelo contrário, pois vemos diariamente atitudes de agressão e desrespeito ao meio-ambiente sendo praticadas por muitos dos cidadãos pertencentes aos países de economia e sociedades ditas avançadas. (Neeé. Inglaterra!!)

Acontece que, atitudes prosaicas e saudáveis que os consumidores vivenciavam no mundo todo há 20, 30 anos atrás, estão esquecidas e precisando ser resgatadas e colocadas em prática, porque as novas gerações de consumidores não as conhecem. Existem hoje consumidores que não sabem sequer o que é um abridor de latas e como usá-

lo ou como abrir a tampinha de uma garrafa. Estão todos acostumados e introjetados no consumo de produtos embalados em sacos de laminados plásticos metalizados, de garrafas de PET/PP/PEBD/PVC, de embalagens cartonadas multilaminadas e de latinhas descartáveis de alumínio.

“Vive-se hoje uma orgia de embalagens e sobre-embalagens, num flagrante desperdício de matérias-primas, sem preocupação da adequação da embalagem à necessidade de protetividade do produto embalado.”

Vive-se hoje uma orgia de embalagens e sobre embalagens, num flagrante desperdício de matérias-primas, sem preocupação da adequação da embalagem à necessidade de protetividade do produto embalado.

As embalagens como as latinhas de alumínio, os sacos de papel e as caixas de papelão ondulado cujos substratos tem valor comercial intrínseco para reciclagem, devido ao seu peso e valor, não causam problemas ecológicos, pois são procuradas pelos catadores, separadas e coletadas.

Embalagens compostas produzidas com mais de um tipo de substrato, em sua maioria esmagadora, não são recicláveis, pela impossibilidade de se separar um material do outro, sendo por isso condenadas à incineração - o que gera gases tóxicos - ou à disposição em aterros sanitários e lixões para uma viagem à sua degradação eterna. Ou pior ainda, são levadas pelas águas pluviais aos oceanos, onde hoje boiam formando um novo continente do tamanho do Estado de Minas Gerais, na confluência das correntes marítimas Americana e Asiática no Oceano Pacífico.

Milhares de empresas consumidoras de embalagens em todo o Mundo, sabem disto e não se dispõem a mudar suas embalagens, temendo que o custo final as torne menos competitivas



frente à sua concorrência, numa atitude covarde e irresponsável. Estas empresas promovem "Seminários, Palestras, Debates e Diálogos", com o mote de tratarem dos problemas ecológicos e de sustentabilidade, unicamente com o fito de se defenderem de acusações da sociedade no futuro - que serão inevitáveis - guardando data e lugar na fila futura das empresas ambientalistas de carteirinha (sic). Todos se sentam confortavelmente em cima do muro. Com alibi constituído.

A sociedade terá que voltar a conviver com sistemas de embalagens sustentáveis como as embalagens fabricadas com vidro, folhas de flandres (latas), alumínio, papel, papel-cartão, polpa moldada e papelão ondulado, pois estas são as embalagens verdadeiramente ecológicas.

As embalagens produzidas com uma das sete famílias de material plástico e as embalagens compostas com dois ou mais substratos, deverão ser restritas a aplicações onde de fato sejam imprescindíveis, e não, mais econômicas, pois a economia maior que se deverá ter em mente e em conta é a economia do meio-ambiente e dos recursos naturais.

Enfim a economia que preservará a nossa saúde e a Vida. Esta é a que não tem preço.

Em pouco tempo a sociedade terá que fazer a sua opção entre o comodismo obliterante e a sanidade benfazeja do nosso planeta.

Expediente

DIRETORIA EXECUTIVA • Presidente - Antônio Eduardo Baggio • **1º Vice-presidente Financeiro** - Edson Gonçalves de Sales • **2º Vice-presidente Financeiro** - Romano Barbieri Filho • **1º Vice Presidente Administrativo** - Augusto César Fávero Lima • **2º Vice presidente Administrativo** - Milson Sebastião de Souza Mundim • **Suplente** - Gustavo Rocha Baggio • **Conselho Fiscal** - Alessandro Alves Bandeira, Alexandre de Miranda Gonçalves e Sérgio Murilo dos Santos • **Suplentes Conselho Fiscal** - Marcelo Eduardo Rocha Baggio, Antônio Adonias Santos Borges e Mário Pinto de Oliveira • **Delegados junto à FIEMG** - Edson Gonçalves de Sales e Antônio Eduardo Baggio • **Suplentes de Delegados** - Fabrício Campolina Barbieri e Marcelo Eduardo Rocha Baggio • **DIRETORIA DE PASTAS ESPECÍFICAS** • **Diretoria de Meio Ambiente** - Mário Pinto de Oliveira • **Diretoria de Mercado** - Alessandro Alves Bandeira • **Diretoria Técnica** - Paulo Sérgio Pimenta Pinheiro • **Diretoria de Relações Trabalhistas** - Milson Sebastião de Souza Mundim • **Diretoria Gerencial** - Antônio Adonias Santos Borges • **Diretoria da Área de Transformação** - Romano Barbieri Filho • **Diretoria de Expansão** - Alfredo Octávio Mavignier Neto • **Redação e Edição** - Coordenadoria SINPAPEL • **Jornalista Responsável** - Jihan Kazzaz - 04416JP • **Diagramação** - Edson Lima